

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

BOLETIM LXXVIII

Lingua e Literatura Grega

N.º 1

ALUIZIO DE FARIA COIMBRA

Cinco Étimas Gregas



SÃO PAULO — BRASIL

1947

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor :

Prof. Dr. Linneu Prestes

Vice-Reitor :

Prof. Dr. Henrique Jorge Guedes

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

Diretor :

Prof. Dr. André Dreyfus

Cadeira de Língua e Literatura Grega :

Prof. Aluizio de Faria Coimbra

Assistente : José Lazzarini Junior

Auxiliar Técnica : Hilda Penteado de Barros



Tôda a correspondência relativa ao presente Boletim deverá ser dirigida à
Cadeira de Língua e Literatura Grega, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras,
Caixa Postal, 105-B — São Paulo-Brasil.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

BOLETIM LXXVIII

Lingua e Literatura Grega

N.º 1

ALUIZIO DE FARIA COÍMBRA

Cinco Étimas Gregas



SÃO PAULO — BRASIL

1947

PORCA

Lê-se em Nascentes que PORCA, no sentido de “peça em que se introduz o parafuso”, representa a “corrutela de um deverbais do lat. *torquere*, torcer”, como o atesta “o esp. *tuerca*, que a Academia Espanhola deriva do lat. *torques*, volta, círculo”.

O ilustre dicionarista também se reporta ao *R. E. W.* de Meyer-Lübke, o qual, com efeito, em 8799, apresenta **torca* como geratriz de *tuerca*.

Ora, a palavra PORCA, como se pode ver em Vieira, assume em língua portuguesa significados múltiplos. Designa, p. ex., além da fêmea do porco, certa peça dos engenhos de açúcar “onde anda a garganta do eixo grande”; o “pau do lagar que atravessa os dois malhais”; a “obra de madeira que está pegada ao sino”; peças aderentes à trave das atafonas; e, em linguagem náutica e no plural, os “paus grossos que atravessam o carro da pôpa e vão acabar nos pés mancos”. O francês possui também “porque”, que o grande Larousse define como “chacune des grosses pièces qui relient les carlingues et les vaigres” e Littré como “un couple intérieur qu'on établit sur la carlingue au dessus de certains couples de levée, pour lier plus solidement quelques-unes des parties dont est composée la coque du navire”.

Nenhuma dúvida existe sobre o modo como se cunham e triunfam tais denominações. Na ausência de termo novo designativo do novo objeto e ainda, em certos casos, a despeito da existência desse termo, cria o povo uma designação tropológica, algumas vezes baseada apenas num modo de ser transitório da cousa e, por isto mesmo, posteriormente, de propriedade inapreciável ou contestável.

A êste respeito escreveu João Ribeiro nas CURIOSIDADES VERBAIS, S. Paulo, 1927, pgs. 10-11.: “Assim, as máquinas mais simples e antigas, certos engenhos da mecânica vulgar, foram batizados com os nomes dos animais, seres auxiliares do homem. Essa tradição proto-histórica naturalmente se acha obliterada pelo tempo, mas o uso e costume tradicional preservou o processo rudimentar, muito mais poético e imaginoso que o dos neologismos gregos

ciência.” Cita, em seguida, entre outros exemplos, o nome de *zorra* (raposa), aplicado a certo carro de rodas massiças, o de *mosquete*, espécie de gavião, estendido à arma de fogo, o de *quelha*, diminutivo de *coelha* (*cunicula*), atribuído a uma peça dos moinhos de cereais. E ainda *cão*, *gatilho*, *asnas*, *columbrinas*, *muletas*, *cavalete* etc.

A semelhança do que ocorre com essas palavras, foram certamente analogias de forma ou movimento que levaram a dar o nome de *porca* às cousas referidas por Vieira. Temos ali, sem dúvida, o nome do animal transportado metafôricamente a tôdas essas noções.

Parece-me, entretanto, que o fenômeno não seria o mesmo no que tange a PORCA, peça de encaixe do parafuso.

Admitindo para êste sentido a corrupção de um deverbal de *torquere*, Nascentes tem de certo em vista que, sob a influência de *porca*, foi mudado para *p* o *t* inicial de **torca*.

Realmente, a forma helicóide de certo órgão do suino poderia sugerir ao chiste popular a denominação da fêmea dêsse animal para a peça a que se ajusta o parafuso.

Deve-se, porém, notar que a figura seria restrita ao ptg., pois o esp., ao lado de *puerca*, nome do porcídeo, conserva *tuerca*, nome do instrumento.

Também não é para desprezar a lembrança de que no aspecto anular da *porca* dos mecânicos reside uma natural sugestão para o nome dêsse objeto.

Eis por que seria talvez preferível ver neste termo a velha palavra *πόρκης*, *ov*, de que se servem Homero e o poeta da *Pequena Iliada* para designar o anel de metal que fixava a ponta à haste da lança.

Duas vezes aparece o vocábulo na *H.*, em VI 319-20 e em VIII 494-5, quando, nas mesmas palavras, o cantor imortal descreve a arma de Heitor:

πάρουθε δὲ λάμπρο δουρός
αἰχμὴ χαλκείη, περὶ δὲ χρίσσοις θέε πόρκης,
em cima rebrilhava a brônzea ponta
e um aró doiro em volta lhe corria,

e uma vez no frag. V do suposto Lesques, onde se diz sôbre a lança de Aquiles:

ἀμφὶ δὲ πόρκης
χρίσσοις ἀστράπτει καὶ ἐπ' αὐτῷ δίκροος αἰχμῆ,
em volta um anel doiro
refulge e acima dele a dupla ponta.

Liddell & Scott registram em Eustátio 759. 39 o derivado *πορκώδης* com o valor de "like a ring".

O emprêgo dêsse adjetivo em pleno séc. XII sugere que *πόρκης* ainda então vivia, ao menos no uso popular. Pode-se imaginar que já anteriormente penetrara a Ibéria, quando foi, p. ex., da reconquista de Justiniano (séc. VI); ou que chegou mais tarde, ao tempo quando a frota veneziana servia de veículo ao comércio de Bizâncio (séc. XI-XII) e os seus marinheiros, provàvelmente, divulgavam, na bacia do velho "mare nostrum", os termos ouvidos à população da capital do Império. Esquecida por toda a parte, ter-se-ia a palavra salvo, com sentido especializado e mudança de gênero, no pequeno rincão dos portugueses.

ESTEIRA

No sentido de *tecido de palha*, ESTEIRA teria vindo do lat. *storea*, através do esp. *estera*; no sentido de *traço do navio na água*, apresentaria a mesma origem, de acôrdo com uma conjectura de Ad. Coelho; ou, no pensar de Cortesão, derivaria de *esteiro* (Cf. Nascentes *D. E.*). *Esteiro*, por sua vez, representa *aestuariu-*, através de *aestariu-*. (Cf. Meyer-Lübke *R. E. W.* 250 e Nunes *G. H. P.*, 2.^a ed., pgs. 132 e 150).

Quanto à primeira accepção, retifica-lhe o étimo Menéndez Pidal (*Man. Gram. Hist. Esp.*, 6.^a ed., Mad., 1941, § 83 n.º 4), mostrando que *storea* daria *estuera*, mas que desta não poderia sair *estera*, sendo necessário, à vista do gal. e ptg. *esteira* e do mir. *steira*, supor um **staria*, nascido da confusão dos sufs. *-oriu* e *-ariu*, a exemplo de *tonsonria*, que deu *tijera*.

A desconexão de sentido leva a afastar *primo visu* o alvitre de Ad. Coelho. Também, em si, não convence o de Cortesão, porque, se *esteiro* é, como o define Morais, "um braço de rio ou de mar, mui estreito, que se mete pela terra ou rodeia ou ilha algum sítio e talvez fica em sêco com a vazante", teríamos que a esteira do navio, traçada que é no mar, fôra comparada a um braço de rio ou a um braço de mar no mar. Todavia, não obstante tal impropriedade, *esteira* poderia ter tido essa origem, se, em ajuda de *esteiro*, tivesse ocorrido a interferência de outro elemento.

A título de mera conjectura, lembro que no vocabulário homérico se encontra *στέρις, ης*, palavra que designa a parte

dianteira da quilha ou talvez a própria quilha. Numa dessas duas accepções aparece na *Od.* II 427-8:

ἐπρησεν δ' ἄνεμος μέσον ἰστίον, ἀμφὶ δὲ κῦμα
στείρη πορφύρεον μεγάλ' ἴαχε, νηὸς ἰούσης·

*encheu a vela o vento e junto à quilha
cantava a água purpúrea à nave em marcha.*

Com mínima variante encontram-se êstes vs. reproduzidos na *Il.* I 481-2.

Se *στείρη* era a parte que, submersa, deixa nas ondas a marca da passagem do barco, bem poderia transitar daquele significado para êste de *rasto de navio*. Conservado o termo homérico no falar da maruja, teria sido, na idade média, divulgado, com êsse valor, pelos homens de Bizâncio, entre os povos mediterrâneos. Mas, se a hipótese é verdadeira, só os portugueses por fôrça dos seus hábitos marítimos, fizeram dele uso constante e o incorporaram afinal, definitivamente, ao seu léxico.

Não se pode pretender, é certo, que o dit. gr. *ei* soasse então como o nosso *ei*. Não soaria, porém, mui diverso, senão dentro da escala vocálica de *e* a *i*. Com qualquer dêsses valores, a forma peregrina sugeriria o vernáculo *esteiro* e, cruzada com êste, teria produzido *esteira*.

C O P O

As conjecturas existentes a respeito da origem de *copa* e *copo* giram em tórno de *cuppa* e *poculum* e é provável que numa delas se ache a verdadeira etimologia dêsses dois vocábulos. Não, porém, segundo entendo, quando *copo* designa a guarda da espada, a parte que protege a mão. Neste sentido melhor será aproximá-lo do gr. *κόπη*, registrado em Boisacq, Bailly e em Liddell & Scott, entre outras accepções, como "poignée", "garde d'une épée", "handle of a sword". Cotejemos alguns exemplos, para comprovação:

ἢ ἔϊφεις κόπην ἢ δόρυ μακρὸν ἐλών,

da espada o copo ou longa lança em punho.

Tírteu VIII 34.

... τόδ' ἄορ παγχάλκειον ὦ ἐπι κόπη
ἀργυρέη, καλέον δὲ νεοπρίστου ἐλέφαντος,

*éste gládio de bronze e copo argênteo,
e estojo de marfim serrado há pouco.*

Od. VIII 403.

Χεῖρα δεξιὰν ὀρᾶς

κόπης ἐπιψαύουσαν;

*Minha dextra tu vês que já tateia
da espada o copo?*

Sof. Fil. 1253-4.

Como para *πάρκης*, que do masc. teria passado ao fem., há aqui também a assinalar, mas em sentido inverso, uma mudança de gênero.

GRUTA

GRUTA tem como étimo o gr. *κρυπτή*, latinizado em *crypta* (Meyer-Lübke *R. E. W.* 2349, *Gram.* I 17(30), *Intr.* 79; Nunes *G. H. P.*, 2.^a ed., pg. 96; Nascentes *D. E.*).

Desfrutou esse grecismo larga voga entre os Romanos como designação de condutos subterrâneos. Usa dele Juvenal V 106, aludindo aos esgotos da cidade: "Et solitus mediae cryptam penetrare Suburae". E Suetônio *Cal.* 58, ao indicar o lugar onde o Cesar foi trucidado: "Cum in crypta, per quam transeundum erat... restitit". Recebeu o nome de *Crypta Neapolitana* a sombria passagem que, com mil passos de cumprimento, doze de altura e doze de largura, fez Agripa abrir sob o monte Pausilipo, para encurtar o caminho de Nápoles a Putéolos. A ela se refere Sên. *Ep.* 57: "Nihil illo carcere longius, nihil illis faucibus obscurius..." Também a menciona Estrabão V 245: τοῦ ποιήσαντος τὴν διώρυγα ἐκείνην τε καὶ ἐπὶ Νέαν πόλιν ἐκ Δικαιαρχείας ἐπὶ ταῖς Βαίαις... *o que fez, não só aquela passagem, mas ainda a que de Dicearquia (Putéolos), perto de Baia a Nápoles...*

Adverte Meyer-Lübke *Gram.* e *Intr.* II. cc. que, ainda depois da helenização das classes cultas de Roma, continuara o povo a pronunciar como *u* o *v* grego *e*, assim, o sujeito ou à mesma evolução dêsse som latino. Por êste modo se explicam o it. *borsa*, o fr. *bourse*, de βύρσα; o it. *busta*, o fr.

boite, de *πυξίδα*; o esp. *codeso*, de *κώτισος*; etc. Destarte também *crypta*, pronunciado *crupta*, terá dado o it. *grotta*.

Nada existe em contrário. E o registro que faz Vieira, s. v. “gruta”, do baixo lat. *crupta*, *grupta*, encontrado num texto do ano 887, prova apenas que o ptg., esp. e cat. *gruta* é palavra semi-erudita. Popular será a forma *grotta*, se acaso não for, como o fr. *grotte*, um empréstimo italiano.

Outro aspecto da questão deve, porém, ser aqui examinado.

A passagem de *cr-* inicial a *gr-* acha-se evidentemente subordinada à sonoridade dos elementos vocálicos com os quais esteja o grupo em contato direto ou indireto. Considerado o valor sonoro do *a*, deve-se ter por natural que palavras como *cratis*, *crassus* estejam representadas nos romances, com exceções poucas e oriundas de outros fatores, por vocábulos que começam por *gra-*. (Cf. rom. *gratie*, esp. *grada*, ptg. *grade*, it. *grata* etc.; rom. *gras*, esp. *graso*, ptg. *graxo*, it. *grasso*, etc.). Doutro lado, era de esperar que *crina*, *crista*, *crispere*, *crudus*, *crusta*, *cruz*, mercê do *i* ou *u* da primeira sílaba, mantivessem, como manteem, a surda inicial (Cf. it. *crine*, fr. *crin*, prov. e cat. *cri*, ptg. *crina* etc.; it., prov., cat. e esp. *cresta*, fr. *crête*, ptg. *crista* etc.; it. *crispere*, fr. *crêper*, prov., cat. e esp. *crespar*, ptg. *crispar*; rom. *crud.*, it. e esp. *crudo*, fr., prov. e cat. *cru*, ptg. *cru* etc.; it. *crosta*, fr. *croûte*, esp. *costra*, ptg. *crosta* etc.; rom. *cruce*, it. *croce*, fr. *croix*, esp. e ptg. *cruz* etc.).

Pode-se dizer, portanto, que a sonorização do grupo inicial de *crypta* no it. *grotta*, no esp. e ptg. *gruta*, no log. *grutta*, no fri. *grote*, em contraste com a surda do v. fr. *croute*, prov. *crota*, bresc. *krota*, aparece como anomalia não explicável sem a intercorrência de algum elemento externo.

Os eólios possuíam o termo *γρύτα*, empregado por Safo para designar certa caixa de perfumes e outros guardados feminis. Temos a respeito o expresso testemunho de Frinico, gram. da 2.^a met. do séc. II, duas vezes ed. no séc. XIX, primeiro por Lobeck, 1820, depois por Rutherford, 1881. O tópico relativo ao assunto acha-se reproduzido por Bekker nos *Anecdota graeca*, publicados de 1814 a 21, e diz: *Σαπφὸς δὲ γρύτην καλεῖ τὴν μύρων καὶ γυναικείων τιμῶν θήκην*. Safo chama “gruta” a caixa de perfumes e de outras cousas femininas.

Uma palavra que designa *cofre*, *caixa* pode constituir metáfora não imprópria para a idéia de *antro*, *gruta*. Su-

ponho daí que, na suplantação do legítimo lat. *specus* e do velho empr. gr. *spelunca*, γρότα concorreu com *crypta*, confundiu-se muitas vezes com esta e se tornou então responsável pela sonorização de *cr-*. A forma *grupta*, da qual saíram *grotta*, *grutta*, *gruta*, terá, pois, resultado da convergência dos dois helenismos.

AUTÔMATO

Ramiz vê em AUTÔMATO uma formação de *αὐτός*, *próprio*, e do vb. *μαίομαι*, o qual traduz por *mover-se*. No Dic. Ac. Esp. se lê igualmente que em “autómata” se reúnem “*αὐτός*, uno mismo, y *μαίομαι*, lanzarse”.

Do mesmo modo distingue Clédat (*D. E.*) em *automate*, *automatique* e *automatisme* o pref. *auto-* e um “verb grec ayant le sens de se mouvoir”. Dessas três palavras Dauzat (*D. E.*) define a primeira como “empr. au grec *automatos*, “qui se meut lui-même”. E, em língua portuguesa, tanto Nascentes (*D. E.*) como Aulete conferem literalmente a essa voz grega o valor de “que se move por si”.

A lição contida nestas citas merece alguns réparos.

E’ certo que *αὐτόματος* aparece empregado com êsse sentido em Homero e outros venerandos autores. Assim, são *autômatas* na *Il.* V 749 as portas do céu, porque se abrem de moto próprio à chegada de Hera:

αὐτόματοι δὲ πύλαι μίκον οὐρανοῦ...

do céu se abrem, por si, mugindo, as portas.

Autômatas são também, em XVIII 366-7 do mesmo poema, as tripodes que fabricava Hefesto, quando Tétis lhe vem pedir nova armadura para o filho. De rodas doiro as dota o fabro divino,

*ὄφρα οἱ αὐτόματοι θεῖον δυσάιατ’ ἀγῶνα
ἦδ’ αὖτις πρὸς δῶμα νεοίατο...*

*para que, só por si, possam dos deuses
ir ao conselho e a casa regressarem...*

A idéia de *movimento próprio* não é, porém, constante na conceituação dêsse adjetivo. Noutros empregos, não

raros, o elemento semântico que o caracteriza é o de *pensamento, de deliberação própria*. Tal se mostra o exemplo da *Il. II 408*:

αὐτόματος δὲ οἱ ἦλθε βoῖην ἀγαθὸς Μενέλαος,
chega, espontâneo, Menelau valente,

e o dos vs. 102-3 dos *Trabs.* de Hesíodo:

νοῦσοι δ' ἀνθρώποισιν ἐφ' ἡμέρη, αἱ δ' ἐπὶ νυκτί,
αὐτόματοι φοιτῶσι κακὰ θνητοῖσι φέρουσαι,
*veem quando entendem, noite ou dia, aos homens
as doenças, de agruras cumulando-os.*

Com êste sentido muito bem se harmoniza a hipótese formulada por Meillet, à pg. 253 da *Int. Ét. Comp. Lgs. Indo-Eur.*, 8.^a ed., Paris, 1937, onde, versando os temas construídos sobre a raiz **men-*, “pensar”, interpreta como **mn+to-* o scr. *matáh*, “pensado”... o lat. (*com*)*mentus* e “peut-être gr. (αὐτό)ματος.”

Compreende-se sem esforço como o significado originário de *que delibera por si* possa ter-se ampliado para *que se move por si* e ainda para as accepções, muito próximas, de *acorde com as leis naturais* e *resultante do acaso*, que nos deparam, p. ex., *Her. II 14*: ἐπεάν σφι ὁ ποταμὸς αὐτόματος ἐπελθὼν ἄροσιν τὰς ἀρούρας, *depois que o rio, subindo naturalmente, lhes tem regado os campos*, e *Aristt. Fís. 195 b 32-3*: πολλὰ καὶ εἶναι καὶ γίνεσθαι διὰ τύχην καὶ διὰ τὸ αὐτόματον, *muitas serem as cousas que sobreveem por sorte ou por acaso*.

Quanto a *μαίωμαί*, em que Boisacq (*D. E.*) vê um tema da raiz **ma-* no grau zero e que talvez ainda se prenda à referida raiz **men-*, tem o seu valor nitidamente estabelecido, não como *mover-se*, mas como *desejar, procurar*, na *Od. XIII 367* e *XIV 356*, na *Il. IX 394*, no *Hi. hom. Cer. 44*, em *Hes. Trab. 532*, em *Pind. O. I 46*, *P. XI 51*, *N. III 5*, em *Sóf. Aj. 287*, em *Ap. Ród. IV 1275*, etc.

CONSULTAS

SÍNDROME — LARINGE — FARINGE

(Resp. a A. M.)

“...A palavra *συνδρομή*, fem., que exprímia em gr. o *nomen actionis* traduzido em lat. por *concursum*, produz em ptg., sem dúvida, SÍNDROME, fem. Mas, considerando que a romanização dos nomes em η da 1.^a decl. gr. se fazia em lat. com *a* ou com *e* e que o ptg. acusa as duas tendências, não vejo por que tratar severamente aos que digam SÍNDROMA, fem.. Cf. gr. ἀποκοπή, συγκοπή, lat. *apocopa* ou *apocope*, *syncopa* ou *syncope*, ptg. *apócope*, *sincope*; porém, gr. μουσική, γραμματική, lat. *musica* ou *musice*, *grammatica* ou *grammatice*, ptg. *música*, *gramática*; etc. SÍNDROMO, do gr. σύνδρομος, os,ον, encerra noção diferente. É um *nomen agentis* e indica um dos elementos da SÍNDROME. Equivale ao lat. *concurrrens*.¹

Quanto a LARINGE, peço vênia para aduzir que *λάρυγξ*, *ρυγος* é palavra masc. em gr. Posso citar dois exemplos em Aristófanes e um em Eurípides, nos quais o emprêgo do art. masc. nenhuma dúvida deixa subsistir a respeito:

ἐκ τοῦ λάρυγος ἐκκρεμάσας Ὑπέρβολον.

Cav. 1363.

ἐγὼ δὲ τὸν λάρυγγ' ἂν ἐκτέμοιμί σου

Rās 575.

μῶς τὸν λάρυγγα διεκίναξέ σου καλῶς;

Cicl. 158

¹ SÍNDROMA, masc., proposto por G. Viana, carece de qualquer fundamento, pois só procederia se, no étimo gr., figurasse o suf. *-μα-* formador de neutros. Mas o *-m-* pertence à raiz, como se verifica pelo aor. ἔδραμ-ον, pelo perf. δέδραμ-α etc.

Não conheço, doutro lado, um só exemplo em que *λάρυγξ* apareça como fem. E só como masc. o registram assim Bailly como Liddell & Scott.²

Ao contrário, *φάρυγξ* ou *φάρυξ* tem ambos os gêneros, o fem., como em Aristófanos, *Rãs* 571:

ἴν' αὐτὸν ἐπιτρίψωμεν. ὦ μαρὰ φάρυξ,

e o masc., como em Eurípidos, *Cicl.* 215:

πύρεστων. ὁ φάρυγξ εὐτρεπῆς ἔστω μόνον.”³

² Tendo-me honrado o Sr. A. M., por carta de 15-1-47, com uma consulta sobre a forma SÍNDROME e sobre o gên. de LARINGE em gr., enviei-lhe as notas reproduzidas acima. Volta agora o consulente ao assunto, observando, em missiva de 16 de fev. corrente, que “o gr. justifica o laringe e a laringe” e que, sendo tomadas a Aristófanos e Eurípidos as citações supra, seria preciso ter em conta que “os poetas sempre lograram certas liberdades que jamais foram concedidas aos prosadores.” E ainda que continua “a sustentar que devemos dizer a laringe e a faringe.”

A essas ponderações sinto dever opor que, se, como diz o ilustrado missivista, o gr. possuía o gên. masc. e o gên. fem. para a palavra em estudo, não poderiam aqueles dramaturgos usar de licença poética quando empregassem um ou outro. Estariam apenas livremente escolhendo entre dois legítimos modos de ser do mesmo vcb.

Doutra parte, a suposição de tal liberdade nos exs. apontados não se firma em base razoável, uma vez que *λάρυγξ* se acha ali desacompanhado de qualquer adj. cuja forma constrangesse o poeta e uma vez que o art., seja masc. ou fem., por natureza ou posição daria, em qualquer dos três versos, uma sílaba longa. Acresce que o termo é masc. também nos prosadores, como se pode ver em Aristóteles *Hist. anim.* 535 (vl. III, pág. 71 da ed. Didot, Paris, 1927): τὰ μὲν οἶν φωνήεντα ἢ φωνῆ καὶ ὁ λάρυγξ ἀφίησιν, τὰ δ' ἄφωνα ἢ γλῶττα καὶ τὰ χεῖλη, as vogais emitem-nas a voz e o laringe, as consoantes, a lingua e os lábios; nas doze vezes quando a palavra aparece modificada do art. na versão dos *Septuaginta*, a saber, *Job* VI 30, XX 13, XXIX 30, *Psas.* V 10, XIII 3(4), XXI 16, LXVIII 4, CXIII 15, CXVIII 103, CXXXIV 13, CXXXVI 6 e CXLIX 6 (Cf. ed. crit. Alf. Rahlfs, Stutt., 1935); no gr. neo-testamentario, conf. documenta ὁ *λάρυγξ*, inserto no *Vollständiges Griechisch-Deutsches Handwörterbuch zu den Schriften der Neues Testaments*, de Preuschen, Giessen, 1910; e ainda no gr.

mod., segundo faz ver a mesma forma no dic. de E. Legrand. Assim, não sei por que se há de ter como licença o uso de um vcb. no gên. gram. em que se encontra tão ricamente abonado.

Melhor fôra talvez dizer *no único gên. onde aparece realmente empregado*, pois, além de Bailly e de Liddell & Scott, cits. acima, e de Preuschen e Legrand, agora apontados, só como masc. o registram Chassang (1902), Pessoneaux (1918), Boisacq (*D. E.*), Rost (*Deutsch-Griechisches Wörterbuch*, Gött., 1874, s. v. "Gurgel"), o *Lubinus Trilinguis* (Norimb., 1670), Courtaud-Diverneresse (*Dic. Français-Grec*, Par., 1874, s. v. "gorge"), Alexandre, Donnegan, Morell e o *Thesaurus* do grande Estienne, os quatro últimos já mencionados pelo barão de Ramiz Galvão quando foi da sua sabida contenda com Figueiredo (Cf. *Vícios da Linguagem Médica*, de C. de Figueiredo, Lb., 1922, pgs. 270-1).

É exato que, respondendo ao helenista patricio, arguiu o ilustre lexicógrafo luso que "Pape também registrou que o termo *larunx*... é empregado, como masculino, em Aristóфанes, mas que, para os gramáticos gregos, é também feminino... que o fato de Aristóфанes haver empregado *larunx* como masculino em pouco invalida o registro dos gramáticos para os quais o termo é feminino. Com efeito, os poetas logram, a êsse e outros respeito, mais amplas liberdades que os gramáticos e o próprio Camões é disso exemplo" (ob. cit., pg. 271).

Vê-se por aí que também Figueiredo se equivocou ao interpretar como licença poética de Aristóфанes o emprêgo de *λάρυγξ* no masc.. Demais, diria eu, quicá com descabido rigor, que não é precisamente aquele o registro dessa palavra no *Griechisch-Deutsches Handwörterbuch*, de W. Pape, Brunsv., 3.^a ed., 1880, a que se refere o reputado filólogo português. Na verdade, o léxico germânico apresenta expressamente, por meio do art. ó, o vcb. como masc., acrescentando "u. nach den Gramm. auch ἡ". Aponta em seguida Aristóteles, na *Hist. Anim.*, Aristóфанes nas *Rãs* e nos *Cavaleiros*, Eurípides no *Cíclope*, ou seja, os autores e passos que transcrevi, e ainda Eubulo, *apud* Ateneu III 113 f, na loc. *ἀνόσιοι λάρυγγες*, inexpressiva para o caso, por ser, no mais das vezes, biforme ao adj.. Mas a indicação de que para os gramáticos *λάρυγξ* é também fem., ainda hoje permanece isolada, sem acolhida nem referência entre os dicionaristas posteriores, ao menos entre obras de valor científico. Haja vista a Liddell & Scott, que, tendo embora, a respeito, pelo menos na ed. de 1940, um verbete bem mais amplo do que o de Pape, continuam a indicar apenas o gên. masc. Como se, devidamente examinada, tivesse parecido insegura a lição papeana. E, para pôr em relêvo o espírito de co-aboração com que, naturalmente, são construídas

obras tais, lembro que, já na sua 2.^a ed. (1845), os lexicógrafos ingleses reconheciam os contributos tomados a Papez, cuja 1.^a ed. viera a lume três anos antes (Cf. L. & S., pref. ed. 1925).

Nestas condições, enquanto não se apresentarem citações convincentes de *λάρυγξ* no fem. ou enquanto não se documentar com solidez a nota do dicionarista alemão, parece-me temerário admitir que o vcb. tivesse em gr. os dois gêns. E, ainda ocorrendo ou uma ou outra ou ambas das duas hipóteses, seria sempre arbitrário negar a imperiosa preferência que reclama a forma masc., tão abundantemente, longamente e uniformemente empregada.

O mesmo não é o caso de *φάρυγξ*, que se abona para os dois gêns. quase em igual medida. Nenhuma razão assiste, pois, a Louro quando (*O Gr. aplic. à ling. cient.*, Porto, 1941, pg. 368) apenas lhe empresta o gên. fem. Na cit. ed. Didot, à mesma pg., p. ex., depa-
ra-nos Aristt.: *φωνεῖ μὲν οὖν οὐδενὶ τῶν ἄλλων μορίων οὐδὲν πλὴν τῆ φάρυγγι, nenhum emite voz por algum outro órgão que não pelo faringe.* Logo a seguir, na pág. 72, surge de novo o art. masc.: *πρὸς τὸν φάρυγγα.*

Ao mod. LARINGE fizeram fem. espanhóis e italianos, provavelmente por analogia das palavras grs. em *-ιγξ, -ιγγος*. Cf. *σῦριγξ, μῆριγξ, ψάλτιγξ, κύστιγξ, ῥαθόμιγξ, σφίγξ, σάλπιγξ, φόρμιγξ, λαίγξ, πλάστιγξ, τό-* das fems.

O gên. originário foi, porém, o único registrado em ptg. pelos bons dicionaristas brasileiros. Moraes, Ramiz e Laudeino só como masc. dão o vcb., ocorrendo notar que o segundo inclui no respectivo verbete esta advertência: "A etimologia e o uso mandam fazer masc. este vcb., que Aulete e outros dão como feminino." Por aí se vê que, pelo menos entre a classe médica do Rio, à qual pertencia o barão, e ao tempo em que veio a lume o *Voc. Et. Ort. Pros.* (1909), LARINGE corria como masc. E, se o gên. fem. tem sido empregado, desde então, no nosso país, com alguma freqüência, só ao prestígio dos dicionários portugueses pode ser atribuída a mudança.

Realmente, do outro lado do Atlântico, a palavra aparece como masc. em E. de Faria (2.^a ed., 1852) e em Constâncio (7.^a ed., 1859). Fizeram-na, porém, depois fem., talvez sob influência do esp. ou por efeito da citada analogia, Vieira, A. Coelho, G. Viana, Aulete, Silva Bastos, Aug. Moreno, Séguier. Com louvável escrupulo, anota Figueiredo que a palavra é fem. por lá e masc. no Brasil. Levando em consideração êsse ancipitismo, já o *Voc. da A. C. L.* (1940), seguido, nesse ponto, pelo da *A. B. L.* (1943), menciona os dois gêns.

De dois léxicos populares, recentemente publicados entre nós, o *Peq. Dic. Bras. Lg. Port.* (1939) e o *Dic. Prát. Lg. Nac.* (1945), o primeiro a indica como fem. e o segundo como masc.

Quanto à forma nom. LARINX, tal como em fr., que diz *le Jarynx*, pertence ao gên. masc. em Bluteau e Vieira, os únicos que lhe deram abrigo como vernácula.

Tal me parece ser o *status* da questão LARINGE.

³ Dizem mètricamente em vernáculo os cinco versos acima transcritos:

Cav. 1363: *Tendo-lhe ao colo suspendido Hipérbolo.*

Rãs 575: *E, por mim, a garganta eu te cortara.*

Cicl. 157: *Não gorgoleja bem quando te desce?*

Rãs 571: *Para esmagá-lo. O' fauce criminosa,*

Cicl. 215: *Ei-lo; que teu gargalo esteja pronto.*

Para segurança das transcrições, cf. *Cav.* Budé I, 1923, pg. 140; *Rãs* Budé IV, 1928, pg. 113; e *Cicl.* Budé I, 1925, pgs. 21 e 23, Loeb II, 1939, pgs. 536 e 540, Ang. Taccone, Náp., 1931, pgs. 37 e 43.

TROGLÓDITA

(Resposta a L. P. S.)

“...Dos léxicos citados por V. S. posso assegurar-lhe que acentuam de acôrdo com a verdadeira quantidade da penúltima sil. o Voc. da *A. C. L.* (1940), quando prefere *trogglódita*, o Voc. de G. Viana e o Dic. de Séguier. Porque era breve a sil. *-dy-* de *trogglodytes* e não pode, por isto mesmo, autorizar a pronúncia paroxitôua.

E' verdade que Forcellinus, ed. Bailey, Ld., 1928. secundado por Quicherat-Daveluy-Chatelain e pelo nosso Saraiva, registra o vcb., sob a forma do nom. pl. *Trogglodytae*, com macrão sôbre o *-y-*. Mas de quantas abonações apresentam nenhuma poderia convencer sôbre essa pretensa longa, pois que são tôdas tomadas à prosa de Cícero, Sêneca e Plínio. Tanto assim que Freund, citando também Cícero e Plínio e mais o geógr. Pomp. Mela e trazendo à sua esteira Gafiot, aponta como breve a mesma vogal.

Mas a julgar pela ausência que fazem *trogglodytes* e seus derivados no *Thes. Poet.* de Quicherat, o lat. será a respeito inconcludente, uma vez que nenhuma das palavras do grupo terá sido empregada pelos poetas dêsse idioma.

Pois, em gr., onde elas se formaram, construídas com o subst. *τρώγλη*, *buraco*, *toca*, e a raiz do vb. *δύω*, *dúno*, *eu me entranho*, *eu me afundo*, aparecem suficientes elementos de convicção e foi neles que certamente se apoiaram êstes dois últimos dicionaristas para o seu acertado registro. A quantidade breve do *v* está patente na grafia, com ac. agudo, do nom. pl. *Τρωγλοδύται*, em Heródoto IV 183, *σιτέονται δὲ οἱ Τρωγλοδύται ὄφεις καὶ σαύρους καὶ τὰ τοιαῦτα τῶν ἐρπετῶν*, *alimentam-se os Troglóditas de cobras, lagartos e répteis tais*; em Aristóteles *Hist. anim.* 597 (pg. 156 do vl. III da cit. ed. Didot), *οὐ γὰρ ἐστὶ τοῦτο μῦθος, ἀλλ' ἐστὶ κατὰ τὴν ἀλήθειαν γένος μικρὸν μὲν, ὥσπερ λέγεται, καὶ αὐτοὶ καὶ οἱ ἵπποι, τρωγλοδύται δ' εἰσὶ τὸν βίον*, *com efeito, não é isto uma lenda, mas há verdadeiramente. como dizem, uma raça de homens miúdos, como miúdos são também os (seus) cavalos, e que, quanto ao sistema de vida, são trogló-*

ditas; e em Estrabão XVII 53 (819), λοιπὰ δὲ τὰ πρὸς νότον Τρωγλοδύται καὶ... Μεγάβαροι οἱ ἑπὲρ Σήνης Αἰθίοπες, o restante (da região), a parte que deita para o sul, (ocupam-na) Troglóditas... e Megábaros, Etiópes que vivem além de Siena; etc.

Se não bastassem êsses elementos, decidiriam sem apêlo o debate o v. 204,

Τρωγλοδύτης δὲ μετ' αὐτὸν ἀκόντισε Πηλείωνα,
Depois, a Pelião feriu Troglódita,

e o v. 216, ambos da *Batracomiomaquia*,

Τρωγλοδίτην ἀπαλοῖο δὲ αἰχίνοῦ...
Troglódita no colo delicado...

nos quais a sil. -δν- ocupa o lugar da segunda breve do primeiro dáctilo.¹

Será de justiça lembrar que também Bluteau põe em evidência a breve da pen. sil. e que o mesmo faz Georges (*Lateinisch-Deutsches Handwörterbuch*, 8.^a ed., Han. e Lip. 1913-8), ao transcrever, no respectivo verbete, o gr. Τρωγλοδύται, com o ac. ag. referido acima."

¹ Her. e Est. estão sendo cits. através da ed. Loeb., respectivamente vl. II, 1938, pg. 386, e vl. VIII, 1932, pg. 134; e a *Batr.*, através da ed. Baumeister, Lip., 1910 (*Hymni Hom. acc. Epigr. et Batr.*), pg. 99. Na ed. oxoniense de Homero, vl. V, 1911, pg. 178. e na ed. Loeb, 1936 (*Hesiod, the Homeric Hymns and Homeric*), pg. 556, os dois vs. aparecem; noutra variante: o v. 204 tem o n.º 206 e termina, na primeira, por Πηλείωνος; o v. 216 tem o n.º 212 e se acha integrado, em ambas, por τρώσειν ἐπιφθάς, i. e., feriu primeiro.

PENFIGO — ELEFANTIASE

(Resposta a M. G. L.)

“... Devo, porém, adverti-lo de que, se é intuito seu pronunciar com acento latino tôdas as palavras constantes da lista que me enviou, será preciso que modifique as grafias “*pênfigo*” e “*elefantíase*” e passe a enunciar êstes vcbs. como paroxítonos. Eram longos tanto o -i- de *πέμφις*, -ιγος, como o segundo -a- de *ἐλεφαντίασις*, -εως e isto mesmo lhe dirá qualquer bom léxico gr. Não merece, portanto, ser seguida, pelo menos à luz dêste critério, a tonicidade que para um e para o outro registram os dics. de Aulete e Figueiredo, assim como os vocs. de G. Viana, de Ramiz, da A. C. L. e da A. B. L.

Penfigo representa a vernaculização do fr. *pemphigus*, criado pelo lat. cient. mod., que o terá construído diretamente sôbre *πέμφις* ou o terá calcado sôbre uma forma em -ος do gr. tardio. Dêste modo se explica não ser **penfige*, fem., o termo ptg. Mas, em qualquer dos dois casos, não há o que observar contra o masc. corrente, pois, não raro, aparecem sob forma temática, em lat. e, através dele, em vernáculo, palavras grs. de tema em consoante (Cf. gr. *ἄβαξ*, -κος, lat. *abacus*, ptg. *ábaco*). A tendência é, a bem dizer, mais ampla e profunda e, como traço geral dos dialetos indo-europeus, revela-se no esforço de eliminação das formas de suf. zero em favor de formas sufixadas. “Les thèmes à suffixe zéro du type athématique sont d’autant mieux représentés dans une langue que celle-ci est attestée sous une forme plus ancienne, et ils disparaissent rapidement à l’époque historique” (Meillet. *Intr. Ét. Comp. Lgs. Indo-Eur.*, 8.^a ed., Paris, 1937, pg. 256). Não sômente a vog. tem., mas tb. outros sufs. são utilizados nesse processo. Assim, **οἶξ*, suposto à vista do ilat. *οἶκαδε*, é substituído por *οἶκος*, lat. *vicus*, *οἶκία*; **ἀλλέ*, deduzido de *ἀλλί*, dat. hom., cede o lugar a *ἀλλή* e *ἄλλαρ*; etc.

Sôbre o grupo das palavras grs. terminadas, na nossa língua, em -iase, sc. *elefantíase*, *satiriase*, *litiase* etc., que tôdas estão sendo pronunciadas, sem rigor etimológico,

como exdrúxulas, ocorre o seguinte: o caso é o de *nomina actionis* que cedo substituíram e fizeram esquecer quase por completo os *nomina rei* correspondentes. As doenças que distinguimos por aquelas denominações eram o comêço, enquanto consideradas, em si próprias, como *entidades* mórbidas, chamadas entre os gregos *ελεφαντια, *σατυρια, *λιθια etc. Com a adjunção do suf. -yō, produziram êstes nomes os vbs. denominativos ελεφαντιάω, σατυριάω, λιθιάω etc. E dêstes, para expressão nominal do respectivo processo, foram formados com o suf. -teî, assibilado e no grau zero, os substantivos ελεφαντίαςεις, σατυρίαςεις, λιθίαςεις etc., à maneira de τόλμησις, τίμησις, ἐρώτησις, πήδησις, σύλλησις etc., respectivamente tirados dos vbs. τολμάω, τιμάω, ἐρωτάω, πηδάω, συλλάω.

A quantidade da vogal que, nestes últimos nomes, precede o final -σις demonstra, com muita clareza, que o -a- da penúltima sil. de ελεφαντίαςεις não pode ser senão longo. Com efeito, conhecidas as tendências do ático, é fácil concluir que só a presença do -i- antecedente impediu a passagem do mesmo a a η.

Como doc. da existência das formas que acima marquei com asterisco, posso citar-lhe a transliteração lat. *elephantia*, sinônimo de *elephantiasis*, de que se serviram Escribônio Largo e Teodoro Prisciano, médicos, êste, dos fins do séc. IV, aquele, contemporâneo de Cláudio e Tibério (Cf. Forcellinus, Freund, Georges, Quicherat-Daveluy-Chatelain etc.) Aportuguesada em *elefância* ou em *elefancia*, figura em Bluteau, Morais, E. de Faria (2.^a ed., 1851), Constâncio (7.^a ed, 1839), F. de Almeida (1891), Aulete."

AVISO. Achava-se já composto êste trabalho quando a leitura do vl. IX das *Obras Completas* do Card. Saraiva, Lh., 1880, pgs. 34, 47 e 76, me deparou, em breves verbetes, para *copo*, *esteira* e *porca*, as mesmas origens grs. que acima aventei. Preciso ajuntar que o cap. referente a *Cinco Êtimos Gregos*, foi lido, há cerca de dois anos, em sessão da *Soc. de Estudos Filológicos*.

A
**Cadeira de Língua
e Literatura Grega**

pede e agradece a remessa de suas publicações

vous prie de lui envoyer vos publications

shall be glad to receive your publications

chiede e ringrazia per l'invio delle sue pubblicazioni

bittet Sie um Zusendung Ihrer Veröffentlichungen

le agradecerá el envío de sus publicaciones .



CADEIRA DE LÍNGUA E LITERATURA GREGA

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo

CAIXA, POSTAL, 105-B — SÃO PAULO-BRASIL

